



UC/EPCE_2018

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estudos de validação do *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin* (SCORE-15-FO) numa Amostra de Adultos Portugueses

Mariana Presa Rocha
(e-mail: ucmarianarocha@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Sotero

Estudos de validação do *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin (SCORE-15-FO)* numa Amostra de Adultos Portugueses

Resumo: A família é considerada um sistema dinâmico na medida em que se estabelecem relações entre os seus membros e, conseqüentemente, o comportamento de cada um vai afectar os restantes, tendo repercussões na família no seu todo (Alarcão, 2000). Focado no contexto multigeracional das interações familiares que moldam a vida dos indivíduos, o presente estudo tem como objetivo analisar as qualidades psicológicas de um instrumento criado para avaliar o funcionamento da família de origem – o SCORE-15-FO – numa amostra de adultos portugueses ($N = 321$).

Os resultados deste estudo demonstraram boas qualidades psicológicas. Em termos de precisão, o SCORE-15-FO evidenciou uma boa consistência interna ($\alpha = .90$) e estabilidade temporal ($r = .83$). Ao nível da validade, a análise fatorial exploratória apontou para uma solução de dois fatores: (1) recursos familiares e (2) dificuldades familiares. As correlações entre o SCORE-15-FO, o SCORE-15, o QAF e o DSI-R confirmam a sua validade convergente, uma vez que demonstraram resultados estatisticamente significativos.

Os resultados obtidos revelam que o SCORE-15-FO é um instrumento fiável que permite avaliar o funcionamento da família de origem.

Palavras chave: Transgeracionalidade; Família de Origem; Funcionamento Familiar; *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation – Family of Origin*; Estudos Psicológicos.

Validation studies of the Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin (SCORE-15-FO) in a Portuguese Adult Sample

Abstract: Family is considered as a dynamic system that establishes relationships among its members and, consequently, the behavior of each one will affect the rest, having repercussions in the family as a whole (Alarcão, 2000). Focused on the multigenerational context of family interactions that shape individuals' lives, the present study aims to analyze the psychological qualities of an instrument created to evaluate the functioning of the family of origin - SCORE-15-FO - in a sample of Portuguese Adults ($N = 321$).

The results of this study revealed good psychometric qualities. In terms of accuracy, the SCORE-15-FO showed good internal consistency ($\alpha = .90$) and temporal stability ($r = .83$). At the level of validity, the exploratory factorial analysis pointed to a solution of two factors: (1) family resources and (2) family difficulties. The correlations between SCORE-15-FO, SCORE-15, QAF and DSI-R confirm their convergent validity since they have revealed statistically significant results.

The results show that the SCORE-15-FO is a reliable instrument that allows to evaluate the family of origin functioning.

Keywords: Transgenerationality; Family of Origin; Family Functioning; Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation - Family of Origin; Psychometric Studies.

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Paula Relvas, pelos ensinamentos partilhados, por toda a sabedoria, rigor e exigência que tanto contribuíram para o meu crescimento sistémico.

À minha orientadora, Doutora Luciana Sotero, por toda a dedicação, disponibilidade, partilha, encorajamento, motivação e confiança. Um sincero obrigada!

À Mestre Gabriela Fonseca, por toda a orientação inicial no meu percurso e por toda a disponibilidade em ajudar.

Aos meus pais, à minha avó e à minha família, porque tudo o que sou devo-lhes a eles. Por todo o apoio, por acreditarem e me fazerem sentir capaz, por toda a compreensão, força e amor incondicional. Por toda a presença nos melhores e piores momentos, esforço, dedicação e paciência. Por terem partilhado comigo todas as vitórias e derrotas desde sempre. Por me fazerem lutar, enfrentar desafios, alcançar metas e acima de tudo, acreditar em mim. Por serem as pessoas mais importantes da minha vida. Esta é também uma vitória vossa!

À Mariana Sousa e à Sara Conceição, um agradecimento muito especial, por serem as minhas muletas nesta etapa final. Por todo o carinho, paciência infinita, apoio e amizade incondicional. Sem vocês, nada disto seria possível! Obrigada, de coração!

Aos meus amigos, por todos os momentos inesquecíveis já vividos e pelos que ainda estão por vir. Por tornarem os meus regressos a casa nos momentos de maior tranquilidade, partilha, entusiasmo e alegria.

Aos meus amigos de Coimbra, que se tornaram na minha família longe de casa. Por todas as gargalhadas, todos os desabafos, todas as lágrimas e abraços. No fim deste percurso, fica uma certeza: levo-vos comigo “p’ra vida”.

Finalmente, mas não menos importante, a todos os que participaram nesta investigação, agradeço a disponibilidade e dedicação que empregaram no preenchimento dos questionários.

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual	2
1.1. Família e Transgeracionalidade	2
1.2. Teoria Familiar Sistémica de Murray Bowen	4
1.3. Conceptualização e Avaliação do Funcionamento Familiar	6
II – Objetivos	8
III – Metodologia	9
3.1. Procedimentos de Recolha da Amostra	9
3.2. Caracterização da Amostra	10
3.3. Instrumentos	12
3.3.1 Questionário de Dados Sociodemográficos	12
3.3.2. <i>Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation</i> (SCORE-15)	12
3.3.3. <i>Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation –</i> <i>Family of Origin</i> (SCORE-15-FO)	13
3.3.4. Questionário sobre o Ambiente Familiar	13
3.3.5. Inventário de Diferenciação do <i>Self</i> – Revisto (DSI-R)	14
3.4. Análises Estatísticas	14
IV – Resultados	15
4.1. Estatísticas descritivas dos itens do SCORE-15-FO	15
4.2. Estudos de Precisão	16
4.2.1. Consistência interna	16
4.2.2. Estabilidade temporal	17
4.3. Estudos de Validade	17
4.3.1. Validade de Construto	17
4.3.2. Validade Convergente	19
V – Discussão	20
VI – Conclusões	25
Bibliografia	26
Anexos	29

Introdução

A família é o primeiro sistema que a maioria dos indivíduos integra ao nascer e é nesse contexto que se constituem enquanto pessoas (Osorio, 1996). Segundo Carter e McGoldrick (1995), o ser humano desenvolve-se, cresce e espera morrer no contexto da sua família. Assim, o ciclo de vida da família é o contexto natural dentro do qual se enquadra a identidade e o desenvolvimento individual e se explicam os efeitos do sistema social (Carter & McGoldrick, 1995). Para além disso, o ciclo de vida individual dos membros da família provoca mudanças que se expressam no contexto familiar, uma vez que a família precisa constantemente de se adaptar e se reorganizar (Nichols & Schwartz, 2006).

Os pioneiros da terapia familiar reconheceram que os indivíduos são um produto do seu próprio contexto social, mas limitaram o foco à família nuclear, ignorando o contexto multigeracional das interações familiares que moldam a vida dos indivíduos (Nichols & Schwartz, 2006). Assim, dado que os padrões familiares estão em constante mudança, é forçoso ter uma visão mais ampla do desenvolvimento humano e familiar (Carter & McGoldrick, 1995).

De forma a avaliar o funcionamento familiar, desenvolveu-se no Reino Unido e na Irlanda, ao longo das últimas décadas, o *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15). O SCORE-15 é um questionário de auto-resposta composto por 15 itens que procura medir os resultados terapêuticos da terapia familiar. Este instrumento centra-se nas relações, ou seja, nas relações do sistema parento-filial, conjugal, cultural ou ambiental dos quais a família faz parte e pretende avaliar os recursos familiares, a comunicação na família e as dificuldades familiares (Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010).

Tendo em conta a perspetiva sistémica e a ideia de que os sistemas e subsistemas se influenciam mutuamente, é importante explorar o funcionamento familiar da família de origem e a sua influência em gerações futuras, no sentido de aprofundar o nosso conhecimento empírico sobre o processo de transmissão transgeracional. Neste sentido, no âmbito de um conjunto de estudos sobre a transgeracionalidade em Angola, foi desenvolvida uma versão do SCORE-15 focada na família de origem, o *Systemic Clinical*

Outcome Routine Evaluation: Family of Origin (SCORE-15-FO).

O presente estudo propõe assim desenvolver e avaliar as propriedades psicométricas do SCORE-15-FO numa amostra de adultos portugueses. A partir deste trabalho de investigação espera-se poder disponibilizar à comunidade científica e clínica um instrumento fiável que permita avaliar o funcionamento da família de origem.

I – Enquadramento conceptual

1.1. Família e Transgeracionalidade

O conceito de família, embora universal, não é idêntico em todas as culturas e ao longo do tempo o seu significado tem vindo a ser alvo de transformações. Assim, encontrar uma definição geral de família não é uma tarefa fácil, dado que existem diversas definições que espelham a perspetiva de diferentes investigadores (Hanson & Lynch, 2007). Todavia, há aspetos comuns às várias definições, designadamente o princípio de que a família é considerada “qualquer unidade que se defina como uma família, incluindo indivíduos que estão relacionados por sangue ou casamento, bem como aqueles que se comprometeram a partilhar a sua vida” (Hanson & Lynch, 2007, p. 285). Neste sentido, a família não pode ser entendida como um objeto de estudo composto por indivíduos isolados, mas sim como um sistema constituído por um conjunto de elementos ligados através das suas relações (Relvas, 1996). Esta ideia vai de encontro à compreensão de Sampaio (1985), que afirma que a família é definida por um conjunto de indivíduos emocionalmente ligados, compreendendo pelo menos três gerações. Segundo este autor, também podem fazer parte da família indivíduos que, apesar de não serem biologicamente ligados, sejam significativos no contexto das relações do indivíduo e/ou indivíduos. Mais concretamente, uma família constitui um grupo de indivíduos que para além dos laços legais ou biológicos, “desenvolvem entre si, de forma sistemática e organizada, interações particulares que lhe conferem individualidade grupal e autonomia” (Relvas, 2000, p. 24). Assim, a família caracteriza-se fundamentalmente pelas pessoas que dela fazem parte e pela complexa rede de relações que se estabelecem entre elas. Para além dos vínculos e das interações, as famílias definem-se pela forma como dão significado às relações interpessoais (Relvas, 2000). Neste

sentido, através das interações que desenvolvem, as famílias constroem histórias e narrativas sobre si que organizam e dão sentido às suas experiências (Nichols & Schwartz, 2006).

De acordo com Fontaine (1989), apesar da família ser habitualmente definida enquanto um sistema aberto, ela é na realidade relativamente aberta e fechada, e é na gestão destas condições antitéticas quanto aos limites, abertura e fecho, que se situa a saúde das famílias. Segundo Carter e McGoldrick (1995) uma maneira de compreender e analisar a família é situá-la em referência a duas dimensões ou eixos: o eixo sincrónico (do espaço e da organização familiar) e o eixo diacrónico (do tempo e da evolução da família), que permitem compreender a especificidade e unicidade de cada família. O equilíbrio abertura/fecho no eixo sincrónico permitirá a diferenciação e coordenação intra e inter-sistémica; esse mesmo equilíbrio no eixo diacrónico definirá a capacidade de adaptabilidade e de evolução do sistema (Relvas, 1996).

O desenvolvimento e funcionamento da família são então orientados por alguns objetivos traduzidos em funções primordiais: a função interna, que corresponde ao desenvolvimento e proteção dos seus membros; e a função externa, que consiste na socialização dos membros da família, adequação e transmissão de determinada cultura (Relvas, 2000). Nesta lógica, e em estreita correspondência com estas funções, a família terá que desempenhar duas tarefas. Por um lado, o suporte ao processo de individualização e autonomização dos seus elementos e, por outro, a criação de um sentimento de pertença (Relvas, 2000).

A transgeracionalidade diz respeito ao fenómeno de transmissão familiar e tem como foco o estudo da diversidade de padrões familiares que se repetem de geração em geração. Assim, estudar este fenómeno torna-se fundamental para compreender a dinâmica familiar num ponto de vista sincrónico e diacrónico. Neste sentido, o processo de transmissão transgeracional pressupõe que o indivíduo se insere numa história já existente, da qual é herdeiro (Bowen, 1978). Deste modo, pode-se afirmar que em todas as famílias ocorre a transmissão de padrões de uma geração para a outra e que as influências dessas trocas familiares no indivíduo dependem da interação do mesmo com a sua família (Bowen, 1978).

Groisman (2000) defende a premissa de que as experiências vividas

com as figuras mais significativas na vida do sujeito, desde a sua infância, vão sendo guardadas pelo mesmo. Tais experiências envolvem valores culturais e morais das gerações anteriores e vão influenciar, inconscientemente, as suas decisões e escolhas afetivas, sexuais, profissionais, entre outras. Simbolicamente, é como se cada um de nós tivesse uma “voz” gravada no seu interior (Falcke & Wagner, 2005, p. 25). No entanto, a influência desta “voz” na vida de uma pessoa é diferente conforme a quantidade, a intensidade e o grau de compreensão sobre essa “voz”. Neste sentido, podemos dizer que existe um idioma próprio dentro de cada seio familiar que estabelece a comunicação intergeracional e é pelo meio deste que os tabus, segredos mitos, lealdades, valores e crenças dos pais são transmitidos aos seus filhos (Groisman, 2000).

1.2. Teoria Familiar Sistémica de Murray Bowen

Para Bowen a perspectiva sistémica vai para além da necessidade de considerar o contexto para a compreensão do comportamento individual. O autor leva o pensamento sistémico até à sua máxima expressão, uma vez que considera que para além das interações que o indivíduo mantém com os diversos sistemas nos quais se integra, é necessário estudar também a história dessas relações, considerando o passado das mesmas (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). Para além disso, Bowen postula que o comportamento só pode ser compreendido se se considerarem as dinâmicas multigeracionais da família do indivíduo, ou seja, as características das relações que os membros da família alargada estabeleceram em gerações anteriores. Por outras palavras, Bowen constatou que cada indivíduo carrega dentro de si a sua família de origem e existe uma tendência para repetir os padrões antigos em novas relações interpessoais (Nichols & Schwartz, 2006). Autores como Guerin e Chabot (1997) referem que o modelo de Bowen é o mais compreensivo entre os modelos teóricos sistémicos, uma vez que inclui um número concreto de conceitos bem definidos e conta com uma metodologia clínica coerente com a teoria.

A Teoria Familiar Sistémica de Bowen é, assim, uma teoria do comportamento humano que vê a família como uma unidade emocional e usa o pensamento sistémico para descrever as interações complexas que se desenvolvem dentro da mesma (Kerr, 2000). A natureza de uma família

implica que os seus membros estejam conectados emocionalmente de uma forma intensa. Os membros do sistema familiar afetam-se tão profundamente uns aos outros nos seus pensamentos, sentimentos e ações que parecem que vivem debaixo da mesma “pele emocional” (Kerr, 2000).

A Teoria Familiar Sistémica de Bowen é, então, uma teoria que postula que a família é uma rede intergeracional de relações em que existe uma interação entre duas forças vitais: a vinculação e a autonomia. Os sistemas funcionam como resultado do equilíbrio entre estas duas forças, sendo que uma promove a união (*togetherness*) e a outra promove a separação (*individuality*) (Kerr & Bowen, 1988). Estas duas forças estão enraizadas em elementos instintivos, inatos e próprios do funcionamento do sistema emocional, influenciando o funcionamento biológico, psicológico e social do ser humano (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). Segundo Kerr e Bowen (1988) ambas as forças estão contrabalançadas, permanecendo num constante dinamismo homeostático e num equilíbrio frágil com constantes mudanças e reajustes, procurando um estado de equilíbrio adaptativo face às relações com os outros. O equilíbrio entre estas duas forças terá como resultado relações familiares funcionais, com uma adaptação saudável às circunstâncias (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). Quando ocorre um desequilíbrio dessas forças em direção à união, acontece a fusão, aglutinação e indiferenciação (Kerr & Bowen, 1988). Por oposição, quando esse desequilíbrio ocorre em direção à individualização surge a diferenciação do *self*. Considerada por Nichols e Schwartz (2006) como a pedra angular da teoria de Bowen, a diferenciação do *self* é um conceito intrafísico e interpessoal. Segundo os autores, a diferenciação intrafísica é considerada a capacidade de separar os sentimentos dos pensamentos. Quer isto dizer que, um indivíduo indiferenciado dificilmente consegue distinguir os seus pensamentos dos seus sentimentos; o seu intelecto está tão inundado de sentimentos que se torna impossível pensar objetivamente.

A diferenciação do *self* refere-se à capacidade para a autorregulação emocional (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). É expressa no modo como um indivíduo modula de forma adaptativa a vinculação e autonomia nas relações interpessoais, e é capaz de equilibrar o funcionamento emocional e intelectual (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). Um nível de diferenciação alto é caracterizado pelos limites flexíveis que permitem a

intimidade emocional e a união física com o outro sem medo da fusão.

Bowen considerou que a diferenciação do *self* é fruto de um processo de transmissão multigeracional. Quer isto dizer que, o modo como uma família regula os seus processos emocionais transmite-se de geração em geração e que, para além disso, os processos emocionais que percebemos numa família nuclear estão ligados à família alargada. Portanto, embora a família nuclear tenha sido definida como uma unidade emocional, esta não está desligada da família extensa e mantém com ela uma conexão emocional inevitável. Assim sendo, também podemos entender a família como um sistema emocional multigeracional.

Em síntese, a conceção da família como um sistema emocional multigeracional implica considerar pelo menos três gerações e os seus respetivos subsistemas emocionais interligados. O que geralmente inclui a família nuclear, a família de origem paterna e a família de origem materna (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). A transmissão multigeracional está ligada a vários postulados propostos na teoria de Bowen, como por exemplo, a suposição de que as pessoas escolhem um parceiro com um grau de diferenciação do *self* semelhante ao seu. As pequenas variações produzidas pelo processo de projeção familiar no grau de diferenciação das crianças geram segmentos nas famílias ao longo das gerações (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). Desta forma, é possível encontrar linhas genealógicas ou ramos dentro de uma família alargada com um grau crescente de diferenciação do *self*, enquanto que noutras o grau de diferenciação é mais reduzido (Rodríguez-González & Berlanga, 2015).

1.3. Conceptualização e Avaliação do Funcionamento Familiar

A perspetiva sistémica entende a família como uma estrutura complexa de indivíduos que são interdependentes, onde as experiências tidas por um membro têm impacto tanto num outro membro como no sistema em que este se encontra inserido (Alarcão, 2000). Segundo Stratton (2008), a forma como as relações são vivenciadas na família são fundamentais para o bem-estar de todos os membros. Neste sentido, o funcionamento familiar diz respeito ao conjunto de processos pelos quais a família atua como um todo, isto é, a forma como os membros da família interagem, reagem e tratam outros membros, incluindo o modo como os seus elementos tomam decisões para resolver os

problemas, estabelecem regras ou definem objetivos (Winek, 2010). Keitner, Heru e Glick (2010) colocam a ênfase no facto de o sistema procurar o seu bem-estar, mas sem negligenciar as necessidades individuais. Ou seja, referem o funcionamento familiar enquanto capacidade que as famílias têm para completar tarefas e para se adaptar a novas circunstâncias, atendendo às necessidades individuais e familiares, com o intuito de promover o bem-estar do sistema (Keitner et al., 2010).

Tendo em conta a escassez de instrumentos de avaliação na área, um grupo de terapeutas ingleses reuniu-se com o objetivo de desenvolver uma medida de avaliação do funcionamento familiar designada *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE; Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010). O SCORE é um questionário de autorresposta que avalia vários aspetos do funcionamento familiar que são sensíveis à mudança terapêutica, contendo itens que se distribuem por três dimensões: Recursos Familiares, Comunicação na Família e Dificuldades Familiares (Stratton et al., 2010). Segundo Stratton et al. (2010), o funcionamento familiar pode ser avaliado tendo em conta essas dimensões: 1) os recursos familiares, que descrevem as forças e as capacidades que a família possui para se adaptar a novas circunstâncias e gerir as dificuldades que podem surgir; 2) a comunicação na família refere-se aos padrões comunicacionais da mesma; e 3) as dificuldades familiares, que descrevem as fragilidades existentes em cada família. Sistematizando, os objetivos subjacentes ao desenvolvimento do SCORE foram: (a) criar uma medida particularmente sensível à mudança do funcionamento familiar ao longo da terapia; (b) identificar aspetos em que os sujeitos demonstrassem mais dificuldades no seu dia-a-dia familiar; e (c) avaliar aspetos do funcionamento familiar que, expectavelmente, mudam ao longo da terapia e à medida que a família começa a lidar melhor com os problemas apresentados (Stratton et al., 2010).

Inicialmente, foi desenvolvida uma versão preliminar do SCORE com 40 itens (SCORE-40) que foi aplicada a uma amostra clínica ($N = 482$) e não-clínica ($N = 126$) para efeitos comparativos. Em ambas as amostras, a escala apresentou uma elevada consistência interna, traduzida num coeficiente alfa de Cronbach de $\alpha = .93$ e $\alpha = .90$, respetivamente. A análise fatorial exploratória do SCORE-40 apontou para a existência de três fatores, com possibilidade de se considerar um quarto: (a) Competências e Adaptação, (b)

Dificuldades, (c) Comunicação Disruptiva, e (d) Hostilidade e Agressão. Apesar de apresentar propriedades psicométricas adequadas, o SCORE-40 parecia ainda não ser viável para um uso corrente na prática clínica devido à sua extensão e ao tempo despendido no seu preenchimento (Stratton et al., 2010). Tendo em conta esta limitação, continuaram a realizar-se vários estudos, no sentido de afinar o instrumento, reduzindo os itens, e tornando-o mais eficaz na sua aplicação. Posteriormente, foi desenvolvida uma versão mais reduzida, o SCORE-28, com 28 itens representativos de três dimensões referidas no SCORE (Cahill, O'Reilly, Carr, Dooley, & Stratton, 2010). Esta versão, também revelou muito boa fiabilidade, traduzida num coeficiente alfa de *Cronbach* de $\alpha = .93$. Recentemente, foi criada por Fay, Carr, O'Reilly, Cahill, Dooley, Guerin e Stratton (2013) uma outra versão de 29 itens do SCORE, constituída por todos os itens do SCORE-28 (14 deles comuns ao SCORE-15) mais um item exclusivo do SCORE-15 (item 4). Esta versão tem como objetivo possibilitar a recolha de informação para as duas versões, através de uma única aplicação.

Em síntese, tendo como base o SCORE-40, continuaram a reunir-se esforços para o desenvolvimento de uma versão do SCORE mais reduzida, no sentido de tornar mais viável e rápido o seu uso corrente na prática clínica (Stratton et al., 2010). Este processo de seleção de itens originou então o SCORE-15 composto por 15 itens. Esta versão mais reduzida permite obter medidas em três dimensões: Recursos Familiares; Dificuldades Familiares e Comunicação Familiar. Nos estudos desenvolvidos com a versão portuguesa foi encontrada uma boa consistência interna do SCORE-15, sendo esta representada por um valor de alfa de *Cronbach* de $\alpha = .84$ (Vilaça, Silva, & Relvas, 2014). Uma vez que o SCORE-15 é um instrumento importante para avaliar e intervir ao nível das relações na família, é fundamental desenvolver e validar uma versão que avalie o funcionamento da família de origem, de forma a compreender os processos de transmissão intergeracional.

II - Objetivos

Com o intuito geral de contribuir para a compreensão da vivência das famílias portuguesas no domínio da transgeracionalidade, no que toca ao funcionamento familiar da família de origem, o objetivo principal do presente estudo consiste em estudar, do ponto de vista psicométrico, o SCORE-15-FO

(Relvas, Baião-Traguedo, Fonseca, Vilaça & Silva, 2017) numa amostra de adultos portugueses. No sentido de concretizar este objetivo principal, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a fiabilidade do instrumento, recorrendo ao estudo da consistência interna (alfa de *Cronbach*) e à análise da estabilidade temporal (teste-reteste)

2. Avaliar a validade do SCORE-15-FO através dos estudos de validade de construto (análise fatorial exploratória) e validade convergente (correlação de Pearson) com os seguintes instrumentos: versão revista do Inventário de Diferenciação do *Self* (DSI-R; Relvas, Fonseca, Baião-Traguedo, Major, & Rodríguez-González, 2017; Sloan & van Dierendonck, 2016), Questionário do Ambiente Familiar (Kinnaird & Gerrard, 1986; Silva e Relvas, 2005) e o SCORE-15 (Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010; Vilaça, Silva, & Relvas, 2014).

III – Metodologia

Com o intuito de explicitar a metodologia utilizada nesta investigação, a presente secção descreverá detalhadamente as etapas seguidas na realização do presente estudo. Num primeiro momento, pretende-se caracterizar os procedimentos de investigação e recolha da amostra. De seguida, é apresentada a descrição dos instrumentos utilizados e, por último, serão apresentadas as análises estatísticas realizadas.

3.1. Procedimentos de Investigação e Recolha da Amostra

Depois de definido o protocolo de investigação, foi obtida a autorização dos respetivos autores para a utilização dos instrumentos de avaliação. De seguida, foi também criado um protocolo de investigação *online* através da plataforma *LimeSurvey*. Ao protocolo de investigação foi anexada uma carta-convite, na qual constavam os objetivos da investigação e esclarecimentos relativos à participação no estudo. O protocolo foi administrado tendo por base a ética e a deontologia inerentes à investigação científica. Todos os participantes foram informados relativamente à natureza deste estudo, bem como lhes foi assegurada a confidencialidade das suas respostas, e que os dados obtidos apenas seriam utilizados para fins de investigação. Além disso, cada participante recebeu um consentimento informado que assegura a sua

participação voluntária neste estudo.

Antes de se proceder à recolha da amostra, levou-se a cabo um estudo-piloto, ou seja, um estudo em pequena escala que pretendeu ajudar à preparação do estudo posterior (Polit-O'Hara, & Beck, 2006). Este estudo contou com a colaboração de oito participantes e foi fundamental para identificar potenciais falhas que poderiam surgir na prática, para a correção de algumas questões consideradas pelos respondentes como menos claras e, também, para definir quanto tempo seria necessário para concluir o preenchimento do protocolo de investigação (Van Teijlingen, Rennie, Hundley, & Graham, 2001).

Concluída a organização do protocolo de investigação, deu-se início à recolha dos dados, através de um método de amostragem por conveniência. A divulgação do estudo, tanto presencialmente como *online*, foi feita junto da rede de contactos dos membros da equipa de investigação, composta por duas alunas de Mestrado em Psicoterapia Sistémica e Familiar e quatro Auxiliares de Investigação, entre dezembro de 2017 e maio de 2018, através do método “bola-de-neve” (Goodman, 1961). Os critérios de inclusão/exclusão utilizados foram os seguintes: 1) ter nacionalidade portuguesa e 2) possuir idade igual ou superior a 18 anos. A recolha da amostra foi assim realizada presencialmente ($N = 245$) e *online* ($N = 76$)

3.2. Caracterização da Amostra

A amostra do presente estudo é constituída por 321 sujeitos, sendo 206 (64.2%) do sexo feminino e 115 (35.8%) do sexo masculino. A média de idades para a amostra total é de 41.1 anos ($DP = 12.82$), estando compreendidas entre os 18 e os 80 anos. Conforme é possível analisar na Tabela 1, pertencem à faixa etária dos 30-35 anos 26.5% dos sujeitos ($N = 85$), sendo esta a categoria mais representativa, seguida da faixa etária dos 36-41 anos, a qual corresponde 16.2% da amostra ($N = 52$) e da faixa etária dos 42-47, a qual correspondem 15.6% dos sujeitos ($N = 50$).

Relativamente ao nível de escolaridade, as habilitações literárias dos participantes distribuíram-se da seguinte forma: 12º ano ($N = 144$, 44.9%), licenciatura ($N = 75$, 23.4%), 9º ano ($N = 44$, 13.7%), 6º ano ($N = 23$, 7.2%), mestrado ($N = 12$, 3.7%), 4º ano ($N = 10$, 3.1%), doutoramento ($N = 4$, 1.2%) e outras ($N = 9$, 2.8%).

Tabela 1. Caracterização da Amostra: Variáveis Sociodemográficas

		<i>N</i>	%
Sexo	Feminino	206	64.2
	Masculino	115	35.8
Faixa Etária	18-23	34	10.6
	24-29	1	0.3
	30-35	85	26.5
	36-41	52	16.2
	42-47	50	15.6
	48-53	47	14.6
	54-59	24	7.5
	+60	28	8.7
Situação Relacional Atual	Solteiro(a)	48	15.0
	Numa Relação Aberta	6	1.9
	Numa Relação de Namoro	44	13.7
	Casado(a)	164	51.1
	União de facto	28	8.7
	Divorciado(a)/Separado(a)	21	6.5
	Recasado(a)/Nova união de facto(a)	3	0.9
	Viúvo(a)	7	2.2
Nível de Escolaridade	4º ano	10	3.1
	6º ano	23	7.2
	9º ano	44	13.7
	12º ano	144	44.9
	Licenciatura	75	23.4
	Mestrado	12	3.7
	Doutoramento	4	1.2
	Outro	9	2.8
Situação Laboral Atual	Trabalhador por conta própria	33	10.3
	Trabalhador por conta de outrem	205	63.9
	Desempregado	27	8.4
	Reformado	15	4.7
	Pensionista por invalidez	3	0.9
	Sem resposta	38	11.8
Religião	Agnóstico	9	2.8
	Ateu	18	5.6
	Católica	271	84.4
	Protestante	16	5.0
	Outra	5	1.6
	Sem resposta	2	0.6
Filhos	Tem filhos	207	64.5
	Não tem filhos	114	35.5
Área de Residência	Norte	190	59.3
	Centro	94	29.2
	Sul	14	4.3
	Região Autónoma da Madeira	6	1.9
	Sem resposta	17	5.3

No que se refere à situação relacional, a maioria dos sujeitos encontram-se casados ($N = 164$, 51.1%), seguidos dos solteiros ($N = 48$, 15%) ou numa relação de namoro ($N = 44$, 13.7%). Quanto à situação laboral, pode-se verificar que 63.9% dos sujeitos são trabalhadores por conta de outrem ($N =$

205), 10.3% são trabalhadores por conta própria ($N = 33$) e 8.4% dos sujeitos são desempregados ($N = 27$). Relativamente à religião, observa-se que a amostra é composta maioritariamente por católicos ($N = 271$, 84.4%), depois por ateus ($N = 18$, 5.6%) e ainda por protestantes ($N = 16$, 5%). No que diz respeito à área de residência, os sujeitos estão distribuídos pela zona Norte ($N = 190$, 59.3%), zona Centro ($N = 94$, 29.2%), zona Sul ($N = 14$, 4.3%) e Região Autónoma da Madeira ($N = 6$, 1.9%). Pode ainda verificar-se que 64.5% ($N = 207$) dos sujeitos têm filhos, por oposição a 35.5% ($N = 114$) que não têm filhos.

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos

Elaborado pela equipa de investigação, o Questionário de Dados Sociodemográficos trata-se de um questionário de autorresposta, com o intuito de identificar as características dos participantes, tanto ao nível sociodemográfico, como em termos familiares. Assim, este questionário pretende recolher informações pessoais, tais como o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão e a situação laboral, o distrito de residência e a religião.

3.3.2. *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation* (SCORE-15; Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010; Vilaça, Silva, & Relvas, 2014)

É um instrumento de autorrelato que avalia diversos aspetos do funcionamento familiar sensíveis à mudança terapêutica, composto por 15 itens distribuídos por três dimensões (cinco em cada dimensão): Recursos Familiares (itens 1, 3, 6, 10, 15); Dificuldades Familiares (itens 5, 7, 9, 11, 14) e Comunicação Familiar (itens 2, 4, 8, 12, 13).

Os itens são pontuados numa escala de tipo *Likert* que varia de 1 (*Descreve-nos muito bem*) a 5 (*Descreve-nos muito mal*), relativamente a uma série de informações que se relacionam com a vida familiar (Vilaça et al., 2014). Para além da pontuação total, pode ainda obter-se a pontuação para cada uma das três dimensões, correspondendo uma maior pontuação a um pior funcionamento familiar.

Nos estudos originais (Stratton et al., 2010), tanto na amostra clínica como na não-clínica, o resultado total da escala assumiu uma elevada

consistência interna ($\alpha = .93$ e $\alpha = .90$, respetivamente). A adaptação portuguesa (Vilaça et al., 2014) exhibe bons níveis de consistência interna tanto na pontuação total ($\alpha = .84$), como nas subescalas (1) Recursos Familiares ($\alpha = .85$), (2) Comunicação Familiar ($\alpha = .83$) e (3) Dificuldades Familiares ($\alpha = .82$) (Vilaça et al., 2014). Na presente investigação, o SCORE-15 obteve um coeficiente de consistência interna de $\alpha = .89$ para a escala total.

3.3.3. Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation – Family of Origin (SCORE-15-FO; Relvas, Baião-Tragedo, Fonseca, Vilaça & Silva, 2017)

Este instrumento de autorresposta é uma adaptação do SCORE-15 e pretende avaliar diversos aspetos do funcionamento familiar da família de origem. Tal como no SCORE-15, o SCORE-15-FO é composto por quinze itens distribuídos por três dimensões (cinco em cada dimensão): (1) Recursos familiares, (2) Comunicação na família e (3) Dificuldades familiares. Os itens são pontuados numa escala de tipo *Likert* que varia de 1 (*Descreve-nos muito bem*) a 5 (*Descreve-nos muito mal*), relativamente a uma série de informações que se relacionam com a vida familiar. Neste sentido, pede-se ao sujeito que pense na sua família de origem, isto é, nas pessoas com quem vivia enquanto criança, de forma a que consiga descrever através desta escala até que ponto foi, ou não, influenciado por ela.

Na presente investigação, o SCORE-15-FO obteve um coeficiente de consistência interna de $\alpha = .90$ para a escala total.

3.3.4. Questionário sobre o Ambiente Familiar (Kinnaird & Gerrard, 1986; Silva & Relvas, 2005)

O Questionário sobre o Ambiente Familiar é a versão portuguesa da adaptação de Kinnaird e Gerrard (1986) do *The Family Atmosphere Questionnaire (Form A)*, desenvolvido originalmente por Landis (1960). Através de uma escala de tipo *Likert* de 5 pontos, pretende avaliar a perceção dos sujeitos da sua família enquanto criança, relativamente às seguintes dimensões: (1) união familiar, (2) segurança, (3) sentido genérico de felicidade ou infelicidade e (4) conflitos familiares. Os dados obtidos neste estudo permitem ainda calcular o Índice de Harmonia Familiar através da média dos três primeiros itens, e o Índice de Conflito Familiar através da média dos dois itens restantes (Kinnaird & Gerrard, 1986). Os resultados do

Questionário sobre o Ambiente Familiar são interpretados tendo em conta que pontuações elevadas correspondem a um pior ambiente familiar.

No estudo original foi observada uma boa consistência interna do instrumento ($\alpha = .87$) (Kinnaird & Gerrard, 1986). Neste estudo, a escala também apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .87$).

3.3.5. Inventário de Diferenciação do Self - Revisto (DSI-R; Sloan & van Dierendonck, 2016; Relvas, Fonseca, Baião-Traguedo, Major, & Rodríguez-González, 2017)

De forma a avaliar a diferenciação do *self*, recorreu-se à versão reduzida do Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto (Relvas, Fonseca, Baião-Traguedo, Major, & Rodríguez-González, 2017), a versão portuguesa adaptada do *Differentiation of Self Inventory – Revised* (DSI-R; Sloan & van Dierendonck, 2016).

Este instrumento é composto por 20 itens classificados por uma escala de tipo *Likert* que varia de 1 (*Nada verdadeiro para mim*) a 6 (*Muito verdadeiro para mim*) (Sloan & van Dierendonck, 2016). É constituído por quatro subescalas: (1) Reatividade Emocional; (2) Posição do “Eu”; (3) *Cut-Off* Emocional; e (4) Fusão com os Outros. É pedido aos participantes que reflitam sobre afirmações acerca deles próprios e sobre a relação com a sua família. A interpretação dos resultados da escala total e das subescalas é realizada tendo em conta que quanto maiores forem as pontuações, maior será a diferenciação do *self*.

Relativamente à consistência interna, o estudo original revelou valores aceitáveis de alfa de *Cronbach* para a escala total ($\alpha = .90$) como para as subescalas Reatividade Emocional ($\alpha = .85$), Posição do “Eu” ($\alpha = .70$), *Cut-Off* Emocional ($\alpha = .76$) e Fusão com os Outros ($\alpha = .76$) (Sloan & van Dierendonck, 2016). Na presente investigação, o DSI-R obteve um coeficiente de consistência interna de $\alpha = .76$ para a escala total.

3.4. Análises Estatísticas

O registo, processamento e análise estatística dos dados recolhidos foram realizados com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 24). De seguida, serão apresentados alguns dos procedimentos que se revelaram necessários para a realização deste trabalho.

Primeiramente, foram realizadas análises descritivas, medidas de Estudos de validação do *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin* (SCORE-15-FO) numa Amostra de Adultos Portugueses Mariana Rocha (e-mail: ucmarianarocha@gmail.com) 2018

localização e tendência central (média aritmética) e medidas de dispersão (desvio-padrão) de forma a caracterizar a amostra e os resultados obtidos.

De seguida, foram ainda testados os pressupostos de normalidade de distribuição das respostas aos fatores e à amostra total (teste de *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*). Posteriormente, de modo a conhecer a fiabilidade dos instrumentos realizaram-se análises de consistência interna para determinação do alfa de *Cronbach* e recorreu-se ao método de análise da estabilidade temporal (teste-reteste).

Para analisar a validade de construto foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) da escala, de forma a evidenciar a estrutura dos dados e identificar fatores independentes. Seguidamente, foram ainda realizadas correlações de *Pearson* entre o SCORE-15-FO e outros instrumentos, como é o caso do SCORE-15, do Questionário sobre o Ambiente Familiar e do Inventário de Diferenciação do *Self* – Revisto.

No que concerne às análises de estatística inferencial, recorreu-se ao teste *t* de Student para amostras independentes, com vista à comparação dos resultados entre a versão do protocolo presencial e do protocolo *online*. Os resultados obtidos apontaram para a inexistência de diferenças estatisticamente significativas $t(319) = -.948$, $p = .344$ entre a amostra recolhida presencialmente e *online*, pelo que as análises subsequentes foram realizadas sem diferenciar os métodos de recolha.

IV - Resultados

4.1. Estatísticas descritivas dos itens do SCORE-15-FO

De forma a obter uma caracterização do funcionamento dos itens do SCORE-15-FO, realizou-se uma análise das estatísticas descritivas de tendência central e de dispersão de cada um dos 15 itens do instrumento. Neste sentido, na Tabela 2 podem-se observar os valores da média, desvio-padrão, moda, amplitude, assimetria e curtose. São também apresentados os valores das correlações item-total e os valores do coeficiente alfa de *Cronbach* quando o item é excluído.

Os resultados encontrados indicam que o item que apresenta uma média mais elevada ($M = 2.69$; $DP = 1.10$) corresponde ao item 5 “*Sentíamos que era difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia*”. Por outro lado, o item 6

“*Confávamos uns nos outros*” obteve a média mais baixa ($M = 1.90$; $DP = .94$). Quanto à moda, os valores oscilam entre 1-2, sendo que o valor mais frequente é o 1 (“*Descreve-nos muito bem*”). Verifica-se ainda que os participantes utilizaram, para cada um dos 15 itens, as cinco possibilidades de resposta existentes. Quanto à assimetria, verifica-se que todos os itens apresentam um valor positivo. Em termos do grau de achatamento da distribuição, os itens que se encontram mais afastados do valor zero são os itens 6 (curtose = .97) e 12 (curtose = 1.06), ambos com valores positivos.

Tabela 2. Estatísticas descritivas e consistência interna dos itens do SCORE-15-FO

Itens	Média	Desvio- Padrão	Moda	Amplitude	Assimetria	Curtose	Correlação item total corrigida	alfa item excluído
1	2.24	1.03	1	1-5	.50	-.39	.57	.89
2	2.44	1.08	1	1-5	.42	-.38	.55	.89
3	2.34	1.11	1	1-5	.64	-.11	.57	.89
4	2.34	1.09	1	1-5	.57	-.37	.59	.89
5	2.69	1.10	2	1-5	.25	-.56	.57	.89
6	1.90	.94	1	1-5	1.04	.97	.56	.89
7	1.96	1.18	1	1-5	1.16	.42	.51	.90
8	2.17	1.00	1	1-5	.52	-.37	.58	.89
9	2.30	1.06	1	1-5	.61	-.18	.64	.89
10	2.17	1.04	1	1-5	.74	.06	.53	.89
11	2.17	1.03	1	1-5	.68	-.10	.63	.89
12	1.91	.99	1	1-5	1.14	1.06	.69	.89
13	2.41	1.06	2	1-5	.48	-.27	.62	.89
14	2.07	1.04	1	1-5	.89	.27	.68	.89
15	2.43	.99	2	1-5	.37	-.17	.47	.90

4.2. Estudos de precisão

4.2.1. Consistência interna

Para averiguar a precisão, recorreu-se à análise da consistência interna do SCORE-15-FO, através do cálculo do coeficiente alfa de *Cronbach*, da escala total e dos fatores que a compõe. Assim sendo, a escala total apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .90$), tal como acontece com o Fator 1 ($\alpha = .84$) e o Fator 2 ($\alpha = .87$). No entanto, o Fator 3 apresenta uma consistência interna razoável ($\alpha = .72$) (Pestana & Gageiro, 2008). Tal como verificado anteriormente, a análise dos valores do coeficiente alfa da escala total aquando da exclusão de qualquer um dos itens indica que a sua exclusão não aumenta

a consistência interna total da escala (cf. Tabela 2). Os valores de correlação item-total revelam uma adequada capacidade discriminante de todos os itens ($r > .30$) (Wilmot, 1975).

4.2.2. Estabilidade temporal

Ainda ao nível dos estudos de precisão do SCORE-15-FO, recorreu-se também ao método de análise da estabilidade temporal (teste-reteste). Neste sentido, o cálculo do coeficiente de correlação para o intervalo de duas semanas entre administrações do instrumento revelou um resultado estatisticamente significativo ($r = .83$; $n = 37$, $p < .001$), correspondente a uma correlação de grande magnitude (Cohen, 1988).

Tabela 3. Correlação de Pearson Teste-Retestes SCORE-15-FO

		SCORE-15-FO Reteste
SCORE-15-FO	Coeficiente de Pearson	.836
	Sig. (2 extremidades)	.000**
	<i>N</i>	37

**Nota: A correlação é significativa no nível .001.

4.3. Estudos de Validade

4.3.1. Análise Fatorial Exploratória

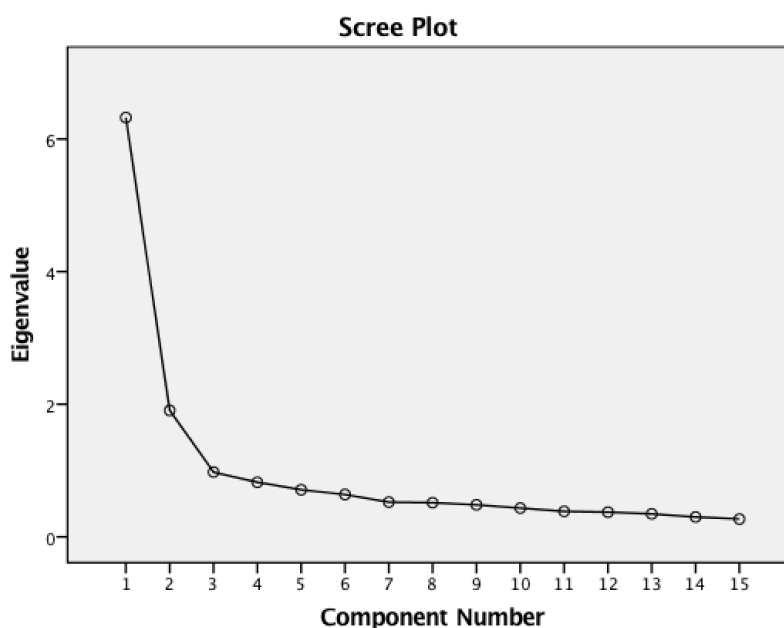
A validade de construto do SCORE-15-FO foi verificada através da análise factorial exploratória. Para tal, procedeu-se à verificação dos critérios de adequação da amostra. Apesar de não se ter verificado a normalidade da distribuição dos dados ($K-S = .20$; $p < .01$), a dimensão da amostra é superior a 100 sujeitos ($N = 321$) e apresenta um rácio de cerca de 21 sujeitos para cada item da escala, satisfazendo assim as propostas mais exigentes relativas à dimensão amostral (Hair, Black, Babin & Anderson, 2009). Obtiveram-se resultados significativos ao nível da medida de adequação da amostra para a realização da análise em componentes principais, através do cálculo de critério de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) (.912) e do teste de esfericidade de *Bartlett* ($X^2 = 2149.529$; $gl = 105$, $p < .001$), mostrando que existem correlações entre as variáveis (Pestana & Gageiro, 2008). Segundo o critério de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), apenas fatores com *eigenvalues* acima de 1 são retidos (Kaiser, 1974). A análise em componentes principais, corroborada pela realização do *scree test* de Catell (1966), aponta para uma solução de dois fatores (com

valores próprios superiores a 1) que, em conjunto, explicam 54.87% da variância total (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Matriz, comunalidades e variância explicada

Itens	Fator		h^2
	1	2	
12. "As pessoas da minha família..."	.762		.637
14. Culpávamo-nos uns aos outros..."	.751		.619
9. "Parecia que surgiam crises..."	.714		.628
11. As coisas pareciam correr sempre mal..."	.702		.607
13. "As pessoas interferiam demasiado..."	.700		.543
8. "Quando as pessoas se zangavam..."	.662		.482
4. "Sentia que era arriscado discordar."	.642		.418
1. "Falávamos uns com os outros..."		.533	.670
3. "Todos nós eramos ouvidos."		.452	.581
5. "Sentíamos que era difícil enfrentar..."	.612		.415
6. "Confiávamos uns nos outros."		.514	.632
2. "Muitas vezes não se dizia a verdade..."	.604		.375
7. "Sentíamo-nos muito infelizes..."	.591		.414
10. "Quando um de nós estava aborrecido..."		.515	.611
15. "Éramos bons a encontrar novas formas..."		.572	.598
% da variância explicada	42.159	12.713	

Figura 1. Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória do SCORE-15-FO



Foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação *Varimax*,

forçando a extração de três fatores, uma vez que este método maximiza as saturações mais elevadas e reduz as saturações mais baixas (Pestana & Gageiro, 2008), permitindo assim comparar os resultados com a estrutura fatorial sugerida pelos autores da escala do SCORE-15, o instrumento original. Da observação da Tabela 3, constata-se que os itens se mantêm agrupados em dois fatores, uma vez que o terceiro fator não contém um valor próprio superior a 1, como sugerem os autores. Assim, uma vez que os itens não se agrupam nos mesmos fatores, não se confirma uma correspondência com a escala original, em termos estatísticos e teóricos. Analisando o conteúdo dos itens de cada um dos três fatores, nota-se que, à exceção do segundo fator (F2) (onde estão agrupados todos os itens relativos à dimensão Recursos Familiares), os restantes dois fatores reúnem itens que claramente não se enquadram na definição desses componentes. Especificamente, num primeiro fator (F1) saturam sete itens, sendo três relativos à subescala Comunicação na Família (itens 8, 12 e 13). No terceiro fator (F3) encontramos apenas três itens, sendo dois itens relativos à Comunicação na Família (itens 2 e 4) (cf. Tabela 5).

Tabela 5. Matriz rodada, comunalidades e variância explicada (Rotação Varimax)

Itens	Fatores			h^2
	1	2	3	
12. "As pessoas da minha família..."	.775			.687
14. Culpávamo-nos uns aos outros..."	.744			.650
9. "Parecia que surgiam crises..."	.730			.653
11. As coisas pareciam correr sempre mal..."	.724			.616
8. "Quando as pessoas se zangavam..."	.715	.		.562
13. "As pessoas interferiam demasiado..."	.699			.570
7. "Sentíamos-nos muito infelizes..."	.618			.431
1. "Falávamos uns com os outros..."		.773		.674
15. "Éramos bons a encontrar novas formas..."		.768		.608
10. "Quando um de nós estava aborrecido..."		.765		.642
6. "Confiávamos uns nos outros."		.758		.633
3. "Todos nós éramos ouvidos."		.702		.583
2. "Muitas vezes não se dizia a verdade..."			.765	.675
5. "Sentíamos que era difícil enfrentar..."			.724	.643
4. "Sentia que era arriscado discordar."			.671	.600
% da variância explicada	42.159	12.713	6.508	

A solução fatorial resultante revela-se, desta forma, complexa e ambígua: para além de não fazer sentido teoricamente, a distribuição

alcançada não coincide com os três fatores sugeridos pelos autores da escala original do SCORE-15.

4.4. Validade Convergente

A validade convergente é definida como o grau em que dois métodos ou dois diferentes instrumentos de medida apresentam correlações elevadas entre constructos relacionados (Campbell & Fiske, 1959). A validade convergente é, pois, aferida através da correlação entre o instrumento que está a ser analisado – em estudo – e outros instrumentos de medida já existentes (Netemeyer, Bearden & Sharma, 2003). Para a determinação da validade convergente foi utilizado o método de correlação r de Pearson.

A primeira análise relativa à validade convergente refere-se à correlação entre a escala total do SCORE-15-FO e a escala total do SCORE-15. Esta análise revelou resultados estatisticamente significativos, demonstrando uma associação alta ($r = .514$; $p < .001$) com a classificação de uma magnitude grande (Cohen, 1988). De seguida, verificou-se a correlação entre a escala total do SCORE-15-FO e a escala total do Questionário sobre o Ambiente Familiar (QAF). Esta análise também revelou resultados estatisticamente significativos, constatando-se uma associação alta ($r = .542$; $p < .001$) com a classificação de uma magnitude grande (Cohen, 1988). Por último, foi feita uma análise da correlação entre a escala total do SCORE-15-FO e a escala total do Inventário de Diferenciação do *Self* (DSI). Esta análise revelou resultados estatisticamente significativos, verificando-se uma associação baixa ($r = -.274$; $p < .001$) com a classificação de uma magnitude baixa (Cohen, 1988).

Tabela 6. Correlação entre os instrumentos SCORE-15, QAF, DSI e SCORE-15-FO

	SCORE-15	QAF	DSI
Coefficiente de Pearson	.514	.542	-.274
SCORE-15-FO Sig. (2 extremidades)	.000**	.000**	.000**
<i>N</i>	321	321	321

**Nota: A correlação é significativa no nível .001.

V - Discussão

O presente trabalho de investigação teve como objetivo principal estudar as propriedades psicométricas do SCORE-15-FO (Relvas et al., 2017) numa amostra de adultos portugueses. O facto das investigações sobre o

funcionamento familiar se centrarem, exclusivamente, na família nuclear, descurando o estudo das famílias de origem motivou o desenvolvimento desta investigação.

Segundo Nichols e Schwartz (2006), para além das interações que o sujeito mantém atualmente com os diversos sistemas dos quais faz parte, é necessário considerar também a história dessas mesmas relações e como foram no passado. Na perspetiva desses autores, o comportamento humano só é susceptível de ser compreendido, se se considerarem as dinâmicas multigeracionais da família de determinado indivíduo, ou seja, as características das relações que os membros da família extensa foram desenvolvendo em gerações anteriores, o que poderá incluir elementos com quem o indivíduo não tem uma relação direta. Deste modo, a presente investigação visa aprofundar o conhecimento empírico acerca de uma versão recentemente desenvolvida do SCORE-15, um dos instrumentos mais estudados internacionalmente para avaliar o funcionamento familiar, especificamente criada para avaliar o funcionamento familiar da família de origem – o SCORE-15-FO.

Num primeiro momento de discussão deve fazer-se referência às características mais salientes da amostra. Neste sentido, verificamos que a amostra é constituída maioritariamente pelo sexo feminino (64.2%), na faixa etária entre os 30 e os 35 anos de idade (26.5%), por participantes casados (51.1%), com o 12º ano de escolaridade (44.9%), trabalhadores por conta de outrem (63.9%), residentes no norte do país (59.3%) e com filhos (64.5%). Esta amostra poderá constituir-se assim como uma limitação do estudo, na medida em que não é uma amostra estratificada e representativa da nossa população. Tal limitação deve-se ao facto de se tratar de uma amostra de conveniência, recolhida a partir da rede de contactos dos membros da equipa de investigação, não tendo sido possível chegar a uma amostra mais heterogénea.

Relativamente aos resultados obtidos para as estatísticas descritivas, o item que apresenta uma média mais elevada é o item 5 “*Sentíamos que era difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia*” e o item que obteve uma média mais baixa foi o item 6 “*Confiávamos uns nos outros*”. Quer isto dizer que, a maioria dos sujeitos revelou sentir dificuldades na resolução dos problemas do dia-a-dia. Relativamente ao item 6, os dados demonstram que, apesar das

dificuldades sentidas, os sujeitos reportam a confiança entre os elementos da família como um recurso ou uma competência da mesma. Neste sentido, quanto mais baixa for a pontuação neste item, maior será a confiança entre os membros da família.

Um outro objetivo deste estudo era analisar a consistência interna do instrumento. Assim, obteve-se um valor muito bom ($\alpha = .90$) (Pestana & Gageiro, 2005), um pouco superior ao valor obtido pelos autores da escala original do SCORE-15 ($\alpha = .83$) e no estudo de adaptação para a população portuguesa do SCORE-15 (Vilaça et al., 2014) ($\alpha = .85$). Estes dados demonstram que o SCORE-15-FO aparenta ser uma medida fiável e, por isso, mostram que este instrumento pode ser utilizado na investigação e na prática profissional para a avaliação do funcionamento familiar da família de origem.

Quanto ao teste-reteste, a escala apresenta uma boa estabilidade temporal, uma vez que as correlações são estatisticamente significativas entre as duas aplicações do instrumento ($r = .83$; $n = 37$, $p < .001$). Esta técnica demonstrou que foram obtidos resultados semelhantes nos dois momentos de aplicação do instrumento. Relativamente a este ponto, é importante referir que os resultados devem ser interpretados com cautela, uma vez que a dimensão da subamostra do teste-reteste se revelou muito reduzida ($N = 37$).

Quanto à validade de construto do SCORE-15-FO, os resultados obtidos na análise fatorial exploratória não replicaram a estrutura fatorial igual à encontrada pelos autores da escala original (Stratton et al., 2010), uma vez que os itens se agruparam apenas em dois fatores (os itens do fator 2 e 3 encontram-se agrupados no mesmo fator). Neste sentido, foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação *Varimax*, forçando a extração de três fatores, de forma a maximizar as saturações mais elevadas e reduzir as saturações mais baixas. Também nesta análise se constatou que os itens se mantiveram agrupados em dois fatores, uma vez que o terceiro fator não revelou um valor próprio superior a um. Apesar desta diferença, os itens incluídos no fator 1 - Recursos Familiares (itens 1, 3, 6, 10 e 15) coincidem perfeitamente com os itens que constituem a mesma dimensão dos estudos de tradução e adaptação do SCORE-15 realizados para a população portuguesa (Vilaça et al., 2014). Contudo, com esta solução fatorial, não se confirma uma correspondência com a escala original, nem em termos estatísticos nem em termos teóricos, uma vez que a distribuição alcançada não coincide com os

três fatores sugeridos pelos autores da escala, não indo, por isso, ao encontro dos resultados alcançados com os outros estudos de validação realizados com o SCORE-15 (Cahil et al., 2010; Fay et al., 2013). Tendo em conta que os fatores 2 (comunicação na família) e 3 (dificuldades familiares) se agrupam num único fator, é possível que os sujeitos considerem que as dificuldades de uma família passam sobretudo pela comunicação entre os seus membros, ou pelas dificuldades em torno desta. Esta ideia pode ser explicada pelo item 2 “*Muitas vezes não se dizia a verdade uns aos outros*” e pelo item 4 “*Sentia que era arriscado discordar*”, que sugerem que os sujeitos consideram a comunicação como uma barreira a um funcionamento familiar mais satisfatório.

Através da análise da validade convergente entre o SCORE-15-FO e o SCORE-15, verificou-se que os dois instrumentos apresentaram uma correlação estatisticamente significativa constatando-se uma associação alta ($r = .514$; $p < .001$) com a classificação de uma magnitude grande (Cohen, 1988). Assim, uma forte correlação positiva leva a que os valores da escala total dos dois instrumentos subam ou desçam sempre em conjunto. Posto isto, os resultados sugerem que quanto mais funcional for o funcionamento da família de origem de um determinado indivíduo, mais funcional será o funcionamento da sua família atual. Tal como o inverso também é verdadeiro. De certo modo estes dados corroboram a literatura que defende que o passado familiar acaba por influenciar o presente e delinear o caminho através do qual os processos emocionais são transmitidos através das gerações (Nichols & Schwartz, 2006).

Relativamente à validade convergente entre o SCORE-15-FO e o Questionário sobre o Ambiente Familiar, verificou-se que os dois instrumentos apresentaram uma correlação estatisticamente significativa constatando-se uma associação alta ($r = .542$; $p < .001$) com a classificação de uma magnitude grande (Cohen, 1988). Posto isto, os resultados obtidos sugerem que quanto melhor o funcionamento da família de origem de um determinado sujeito, melhor é a sua percepção do sentido de união, segurança e felicidade na sua família de origem.

No que se refere à validade convergente entre o SCORE-15-FO e o Inventário de Diferenciação do *Self*, verificou-se que os dois instrumentos apresentaram uma correlação estatisticamente significativa, no entanto

verificou-se uma associação negativa baixa ($r = -.274$; $p < .001$). Uma correlação negativa revela que quanto maior for a pontuação na escala de um instrumento, mais baixa será no outro instrumento analisado. Na escala do SCORE-15-FO, sabemos que resultados mais baixos correspondem a um melhor funcionamento familiar e vice-versa. Neste sentido, quanto melhor for o funcionamento familiar, ou seja, quanto menos pontuação no SCORE-15-FO, maior será a diferenciação do *self*, ou seja, menor será a reatividade emocional, o corte emocional e a fusão com os outros; tal como maior será a sua capacidade de assumir a posição do “eu” nas relações (Skowron & Schmitt, 2003). Os indivíduos mais diferenciados apresentam uma capacidade superior de diferenciar o pensar do sentir, que se reflete nos seus comportamentos (Knauth & Skowron, 2004). São, portanto, mais flexíveis, mais adaptativos e mais independentes das emoções dos outros (sem deixar de as perceber ou estar em contacto com as mesmas) (Knauth & Skowron, 2004). Para além disso, apresentam melhores estratégias de *coping* para lidar com a incerteza e a ambiguidade, demonstram menos fusão emocional nas suas relações próximas e gerem melhor o stress e a ansiedade (Knauth & Skowron, 2004). Assim, faz sentido do ponto de vista teórico que, quanto pior o funcionamento familiar, menor será a diferenciação do *self*, o que acabou por ser corroborado neste estudo empírico. De acordo com a teoria de Bowen (1978), os indivíduos menos diferenciados são menos flexíveis, menos adaptativos e emocionalmente mais dependentes daqueles que os rodeiam, sendo, por conseguinte, mais vulneráveis ao stress e à disfunção (Knauth & Skowron, 2004). Caracterizam-se, também, por assumirem uma postura de excessiva conformidade e condescendência, ou por uma independência emocionalmente reativa para com os outros (Skowron & Friedlander, 1998). Como tal, em resposta à ansiedade nas relações significativas, estes indivíduos tendem a fusionar-se ou a distanciar-se emocional e fisicamente (Rodríguez-González & Berlanga, 2015). Em suma, o conceito de diferenciação do *self* é essencial para compreender o modo como os membros de uma determinada família se relacionam (Rodríguez-González & Berlanga, 2015) e parece estar significativamente correlacionado com o funcionamento da família de origem avaliado através do SCORE-15-FO.

Limitações e Estudos Futuros

Os resultados obtidos devem ser interpretados com cautela devido às limitações do estudo. Em primeiro lugar, tal como referido anteriormente, parece-nos importante fazer uma ressalva relativamente às características da amostra. Assim, este estudo é constituído por uma amostra de conveniência e maioritariamente constituída por mulheres, empregadas por conta de outrem e com um nível de escolaridade correspondente ao ensino secundário. Estes dados associam-se ao facto de não se tratar de uma amostra aleatória, o que se traduz numa amostra que não é representativa da população geral. De futuro considera-se importante recolher uma amostra mais heterogénea na qual estejam equitativamente representadas diferentes características dos sujeitos (e.g., situação profissional, habilitações literárias, faixa etária) e diversas formas de família (e.g., famílias homossexuais, monoparentais e reconstituídas). Poderia, ainda, ser interessante explorar em investigações futuras variáveis como a etapa do ciclo vital, a situação financeira e o tipo de família com o intuito de estudar a influência destas variáveis, assim como as possíveis diferenças e semelhanças.

Uma vez que em simultâneo com este trabalho estão a ser realizados estudos com o SCORE-15-FO em Angola, poderia ser interessante realizar um estudo transcultural comparativo com o intuito de verificar possíveis diferenças entre culturas, no que toca ao funcionamento da família de origem.

De forma complementar, realça-se ainda a importância de no futuro se fazer uma análise considerando a perceção da família como um todo quanto ao seu funcionamento familiar. Para tal, poderia ser útil realizar estudos que tenham como base a análise multinível.

VI - Conclusões

O presente trabalho de investigação teve como objetivo principal estudar, do ponto de vista psicométrico o SCORE-15-FO (Relvas et al., 2017) numa amostra de adultos portugueses.

Em termos gerais, foi possível concluir que o SCORE-15-FO é um instrumento fiável para avaliar o funcionamento da família de origem dos indivíduos. Os resultados obtidos demonstraram uma forte consistência interna ($\alpha = .90$) e uma boa estabilidade temporal ($r = .83$), revelando-se uma boa medida para fins clínicos e de investigação na população portuguesa.

A análise fatorial exploratória sugeriu uma estrutura de dois fatores, não tendo sido replicada a estrutura fatorial encontrada pelos autores da escala original, o SCORE-15. Apesar desta diferença, os itens incluídos no fator 1 - Recursos Familiares (itens 1, 3, 6, 10 e 15) coincidem integralmente com os itens que constituem a mesma dimensão nos estudos de tradução e adaptação do SCORE-15 para a população portuguesa (Vilaça et al., 2014). Por outro lado, os restantes itens agruparam-se todos num segundo fator, uma vez que o terceiro fator não revelou um valor próprio superior a 1.

No que toca à validade convergente, o cálculo do coeficiente de *Pearson* permitiu concluir que existe uma relação significativa entre o SCORE-15-FO e os restantes instrumentos analisados: o SCORE-15, o Questionário sobre o Ambiente Familiar e o Inventário de Diferenciação do *Self*.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Cahill, P., O'Reilly, K., Carr, A., Dooley, B., & Stratton, P. (2010). Validation of a 28-item version of the Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation in an Irish context: The SCORE-28. *Journal of Family Therapy*, 32, 210-231. doi:10.1111/j.146-6427.2010.00506.x
- Campbell, D. T., & Fiske, D. W. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56, 81-105.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995) *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cattell, R. B. (1966). The scree plot test for the number of factors. *Multivariate Behavioral Research*, 1, 140-161. Retirado de: http://dx.doi.org/10.1207/s15327906mbr0102_10
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenómeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In Wagner, A. (Ed.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-26). Porto Alegre: Edipucrs.
- Fay, D., Carr, A., O'Reilly, K., Cahill, P., Dooley, B., Guerin, F., & Stratton, P. (2013). Irish norms for the SCORE-15 and 28 from a national telephone survey. *Journal of Family Therapy*, 35, 24-42. doi:10.1111/j.1467-6427.2011.00575.x.
- Fontaine, P. J. (1989). Familles saines. In Pourtois, J. P. (Ed.), *Les thématiques en éducation familiale* (pp. 67-83). Bruxelles: De Boeck Université.
- Goodman, L. A. (1961). Snowball sampling: *The annals of mathematic statistics*, 32, 148-170.
- Groisman, M. (2000). *Família é Deus: Descubra como a família define quem você é*. Rio de Janeiro: Eldorado, Núcleo Pesquisas.
- Guerin, P., & Chabot, D. (1997). *Development of family systems theory*. Whashington, DC: American Psychological Association.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analysis* (7th ed.). New Jersey: Prentice Hall.

- Hanson, M. J., & Lynch, E. W. (2007). *Understanding family approaches to diversity, disability, and risk* (3rd ed.). Baltimore: Paul Brookes.
- Kaiser, H. F. (1974). An index of factorial simplicity. *Psychometrika*, 39, 31-36.
- Keitner, G. I., Heru, A. M., & Glick, I. D. (2010). *Clinical manual of couples and family therapy*. Washington, DC: American Psychiatric Pub.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evolution: An approach based on Bowen theory*. New York: W. W. Norton & Company.
- Kerr, M. E. (2000). *One family's story: A primer on Bowen theory*. Washington, DC: The Bowen Center for the Study of the Family.
- Kinnaird, K. L., & Gerrard, M. (1986). Premarital sexual behavior and attitudes toward marriage and divorce among young women as a function of their mothers' marital status. *Journal of Marriage and Family*, 48(4), 757-765. Retirado de: <https://doi.org/10.2307/352568>
- Knauth, D. A., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric evaluation of the Differentiation of Self Inventory for adolescents. *Nursing Research*, 53, 163 -171.
- Netemeyer, R. G., Bearden, W. O., & Sharma, S. (2003). *Scaling procedures. Issues and applications*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2006). Bowen Family Systems Therapy. In *Family therapy: Concepts and methods* (7th ed.), 115-144. Boston: Pearson.
- Osorio, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5^a ed.). Lisboa: Sílabo.
- Polit-O'Hara, D., & Beck, C. T. (2006). *Essentials of nursing research: Methods, appraisal, and utilization* (Vol. 1). Philadelphia (USA): Lippincott Williams & Wilkins.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspectiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2000). *Por detrás do espelho: Da teoria à terapia com a família* (1^a ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Relvas, A. P., Fonseca, G., Baião-Traguedo, T., Major, S., & Rodríguez-González, M. (2017). *Inventário da Diferenciação do Self – Revisto*. Manuscrito submetido para publicação.
- Relvas, A. P., Baião-Traguedo, T., Fonseca, G., Vilaça, M., & Silva, J. T. (2017). *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin (SCORE-15-FO)*. Manuscrito submetido para publicação.
- Estudos de validação do *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: Family of Origin (SCORE-15-FO)* numa Amostra de Adultos Portugueses
Mariana Rocha (e-mail: ucmariantarocha@gmail.com) 2018

- Rodríguez-González, M., & Berlanga, M. M. (2015). *La teoría familiar sistémica de Bowen: avances y aplicación terapéutica*. Madrid: McGraw Hill Education.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2005). *Questionário sobre o Ambiente Familiar*. Manuscrito submetido para publicação.
- Skowron, E. A., & Friedlander, M. (1998). The Differentiation of Self Inventory: Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology, 45*(3), 235-246.
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of Marital and Family Therapy, 29*(2), 209-222.
- Sloan, D., & van Dierendonck, D. (2016). Item selection and validation of a brief, 20-item version of the Differentiation of Self Inventory-Revised. *Personality and Individual Differences, 97*, 146–150. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.037>
- Stratton, P. (2008). PRN in Action: Constructing an outcome measure for therapy with relational systems: Practitioner research networks in action. *The Psychotherapist, 38*, 15-16.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: The SCORE. *Journal of Family Therapy, 32*, 232-258. doi:10.1111/j.1467-6427.2010.00507.x
- Van Teijlingen, E. R., Rennie, A. M., Hundley, V., & Graham, W. (2001). The importance of conducting and reporting pilot studies: the example of the Scottish births survey. *Journal of advanced nursing, 34* (3), 289-295.
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation: SCORE-15. Em Relvas, A. P., & Major, S. (Ed.) *Instrumentos de avaliação familiar: Funcionamento e intervenção* (Vol. 1, pp. 23–41). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Retirado de: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0839-6>
- Wilmut, J. (1975). Objective test analysis: Some criteria for item selection. *Research in Education, 13*, 27-56.
- Winek, J. (2010). *Systemic family therapy: from theory to practice*. United States of America: Sage Publications.

Anexos

Anexo I – Carta Convite do Protocolo de Investigação



Caro/a Participante:

Vimos pedir a sua colaboração para o projeto de investigação ***Da Família de Origem à Família Atual: Estudo exploratório em torno da Transgeracionalidade e dos Legados Familiares***, que está a ser desenvolvido por uma equipa de investigação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na área de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar.

Qual é o objetivo do estudo?

Este estudo pretende recolher informação sobre a vivência das famílias portuguesas, procurando contribuir para o conhecimento científico no domínio da transgeracionalidade, no que toca à família atual, à família de origem e aos legados familiares.

Quem pode participar neste estudo?

Qualquer pessoa com nacionalidade portuguesa e com idade **igual ou superior a 30 anos** pode participar neste estudo.

Como posso participar?

Após preencher o consentimento informado, terá de responder a este inquérito que engloba questões sobre a sua família atual e a família com quem viveu enquanto criança. O seu preenchimento tem uma duração aproximada de **10 minutos**. A sua participação é **voluntária** e as suas respostas às perguntas são **confidenciais**, sendo tratadas em termos globais apenas para efeitos de investigação.

Se desejar colocar alguma questão sobre o estudo, quem posso contactar?

Se surgirem dúvidas relativamente à sua participação, ~~contate~~ **contate** por favor a equipa responsável através do seguinte e-mail: gaif@fpce.uc.pt

O seu contributo é extremamente importante. Como tal, a equipa de investigação agradece, desde já, a sua disponibilidade e colaboração!

Consentimento informado

Declaro ter tomado conhecimento dos objetivos deste estudo, aceitando participar voluntariamente no mesmo e permitindo a utilização dos dados recolhidos para efeitos de investigação.

Sim Não

Data: __/__/__

Código

Para que nos seja possível associar as respostas deste questionário a respostas de outros questionários deste estudo, no caso de participar futuramente em outros momentos desta investigação, necessitamos de um código único para todas as suas participações. Para tal, pedimos-lhe que nos indique as suas iniciais e a sua data de nascimento (dd/mm/aaaa).

Por exemplo, se o seu nome fosse João Pereira Silva e tivesse nascido a 16/01/1980, o código seria JPS16011980. Introduza agora o seu código: _____.

A equipa de investigação: Ana Paula Relvas, Gabriela Fonseca, Luciana Sotero, Mariana Rocha e Sara Conceição